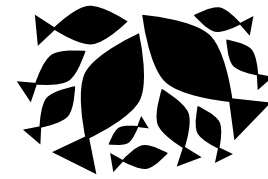




FERNANDA CÂNCIO

SERMÕES
IMPOSSÍVEIS



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMX

© 2010, Fernanda Câncio
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Sermões Impossíveis*
Autora: Fernanda Câncio
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2010
ISBN 978-989-671-049-1
Depósito Legal n.º 315934/10

Índice

II	EM LETRA PEQUENA
15	<i>O peixinho encarnado</i>
17	<i>Por amor de deus</i>
20	<i>Mas pronto</i>
22	<i>A minha avó republicana</i>
25	<i>Perfect day</i>
28	<i>Malacuecos</i>
30	<i>Coitados dos coitadinhos</i>
33	<i>Qualquer coisinha</i>
36	<i>Joana, 20/10/1989-17/11/2009</i>
39	<i>Panos de pó</i>
42	<i>O banho do pintainho</i>
45	<i>Mentiras</i>
48	<i>Querem destruir a família</i>
51	<i>Pena e psicoterapia</i>
54	<i>O maior segredo</i>
57	<i>Cândido</i>
60	<i>Dos coxos</i>
63	<i>Bicicletas partidas</i>
66	<i>Da lealdade</i>
69	<i>Os meus 60</i>
72	<i>Cultura de morte</i>
75	<i>Caras e corações</i>
78	<i>Das lágrimas</i>
81	<i>Elogio das pispinetas</i>
84	<i>Do lixo, com glamour</i>
87	<i>A vida material</i>
93	<i>A pele do Tiago</i>
96	<i>Ai ai ai minha machadinha</i>
99	<i>e.e. cummings é que tinha razão</i>
102	<i>Da memória</i>
105	<i>A nova aventura dos Cinco</i>

107	<i>Bidés e psichés</i>
110	<i>Receber o que é nosso</i>
113	<i>Amigos pessoais e assim</i>
116	<i>Espírito dos natais futuros</i>
119	<i>Limpar a casa</i>
122	<i>Limpar a casa, parte 2</i>
125	<i>Novembro</i>
128	<i>O mito da Baixa</i>
131	<i>Afinidades electivas</i>
134	<i>A vizinha oculta</i>
137	<i>Para a cozinha, já</i>
140	<i>Nada de especial</i>
143	<i>Listas</i>
146	<i>Habituar o hábito</i>
149	<i>Mistérios pilosos</i>
152	<i>Anti-liberdade</i>
155	<i>O cavalinho d'long d'long</i>
158	<i>Uma história simples</i>
161	<i>Os teus olhos</i>
164	<i>O que é?</i>
167	<i>Nunca mais</i>
170	<i>As letras à mão</i>
173	<i>O meu graffito</i>
176	<i>Cozinha-se com o que há</i>
179	<i>A família tradicional</i>
182	<i>Um triunfo Frágil</i>
185	<i>Madonna minha</i>
188	<i>Pessoas decentes</i>
191	<i>Sozinhos</i>
194	<i>A racista em mim</i>
197	<i>Feliz ou infeliz?</i>
200	<i>O arbusto no telhado</i>
203	<i>A cultura dos maus tratos</i>
206	<i>O Quarteto, que fez 32 anos ao fechar</i>

209	<i>Elegia das coisas descontinuadas</i>
212	<i>Do tempo que resta</i>
215	<i>Quando o avião cai</i>
218	<i>A revolução à vista</i>
221	<i>Entre paredes</i>
224	<i>Eu e «a igreja»</i>
227	<i>Andrey, Natasha, Nikolay, Pierre</i>
230	<i>Heimlich</i>
233	<i>Kimba</i>
235	<i>Ao espelho</i>
238	<i>Sobre gelo fino</i>
241	<i>Do corporativismo</i>
244	<i>Demónios portugueses</i>
247	<i>Não, ele não pode</i>
250	<i>Entre os escombros</i>
253	<i>A tua mão será a primeira</i>
256	<i>Dos sem-carta</i>
259	<i>Ir à cara</i>
262	<i>Peixes afogados</i>
265	<i>Do retrós e do retro</i>
268	<i>Batatas com enguias</i>
271	<i>Bullying</i>
274	<i>Católicos automáticos</i>
277	<i>José Mestre</i>
280	<i>Conchas</i>
283	<i>É feio porquê?</i>
286	<i>O primeiro dia</i>
289	<i>Eduardo e Jorge</i>
292	<i>A divina contradição</i>
295	<i>A revolta das espicha-canivetes</i>
298	<i>Cor de pele</i>
301	<i>Unheimliche</i>
304	<i>Errar outra vez</i>
307	<i>Em branco</i>

em letra pequena

disse muitas vezes, jurei que nunca publicaria um livro de crônicas. talvez o tenha até escrito. por exemplo, uma crônica sobre livros de crônicas — das tantas vezes que precisei de um tema, que desesperei por uma ideia, bem me podia ter vindo esta. poupava-me o trabalho de alinhar este intróito, de justificar o fazer isto — o livro das crônicas, mais um no meio de todos os livros de crônicas de todos os cronistas do mundo.

porquê, então? ora, porque a bárbara bulhosa (a minha editora, a mulher da tinta-da-china) quis e tenho dificuldade em dizer que não à bárbara, sobretudo quando dizer sim não implica escrever 600 páginas ou mesmo 30, é só mesmo sim. sim, ok, por que não. e depois a capa é muito bonita. a tinta-da-china, quer dizer, a vera tavares, faz sempre capas bonitas, as mais bonitas do mercado, e o título das crônicas, que é só meio meu (alguém me ajudou a inventá-lo a partir da ideia do sermão dominical) faz um bom título. e, vou confessar — não espalhem —, eu gosto destas crônicas. digo: só estão aqui as de que gosto, que me fazem sentido ainda à distância de meses, de anos, que não me envergonham, não me incomodam, me dão prazer reler.

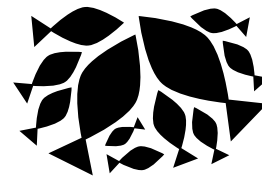
quem deixa um rasto de escritos, espalhado por cadernos de adolescência, diários, jornais, revistas, televisões (sim, também se escreve para televisão, sabiam?), livros e blogs, encontra-se às vezes com a sua assinatura em coisas que preferia não ter escrito,

dito, pensado. mas também o contrário, também dizer «é mesmo isto» ou «era mesmo isto». como em «sou isto» ou «fui isto».

escrever, escrever muito, por ofício e necessidade (às tantas não se distinguem, um e outra) pode ser (é) uma forma de esgotamento mas também de reconhecimento, de autoconhecimento. escrever sobre as coisas, sejam elas quais forem, obriga-nos a pensar nelas, a entrar nelas. muitos destes textos, diria mesmo a maioria, são sobre mim. sim, bem sei, escrevemos sempre sobre nós (mesmo, no limite, na suposta aridez de um take de agência), mas aqui é uma deliberação, uma deriva em relação à outra coluna semanal que assino desde 2005 no diário de notícias e que tem um carácter mais actual, de comentário, de análise, de intervenção. quando joão marcelino me propôs, em 2007, assinar também uma coluna na notícias magazine, a revista de domingo do dn e do jornal de notícias, pareceu-me que faria sentido um registo totalmente diferente. apetecia-me escrever sobre as coisas sobre as quais me apetecesse escrever, por mais esotéricas e íntimas que me surgissem — coisas como um peixe de aquário ou um doce de praia, uma canção favorita ou um autor muito amado, o sexo ou a amizade, a minha casa ou a minha primeira morte. é uma presunção, bem sei, que isso interesse a alguém, mas como sempre me interessou saber o que interessa aos outros posso crer que aos outros, para quem sou outra, interesse saber o que me interessa. posso até acrescentar que acho que nos interessamos todos — à excepção dos psicopatas, e talvez mesmo esses, já que se interessam por si próprios — pelas mesmas coisas.

e há sempre os peixes da capa.

SERMÕES IMPOSSÍVEIS



O peixinho encarnado

JÁ NÃO ME lembro bem como é que o Sushi entrou na minha vida. Acho que me foi oferecido por uma amiga. Tinha tido vários peixinhos encarnados quando criança. Eu queria um cão ou um gato, os meus pais deram-me um peixe num aquário redondo.

Os peixes nos aquários redondos enlouquecem, diz-se. Não sei se é verdade, mas é bem provável. Se eu fosse peixe, enlouquecia de certeza a andar para ali sozinha às voltas sem destino nem propósito (que é, bem vistas as coisas, o que acontece a toda a gente).

Seja como seja, o certo é que os peixinhos lá tiveram o seu anunciado e precipitado fim: um belo dia, boiavam, sem um bilhete de despedida ou sequer um ai, na redondez do aquário. Fosse da loucura, da lixívia que põem na água da torneira, de algum decreto genético ou de congestão, os peixinhos encarnados morriam como tordos (aliás, os tordos é que morrem como peixinhos encarnados). E eu desisti de ter peixes.

Até que, já crescida e trintona, me ofereceram o Sushi. O Sushi durou mais que os outros todos. Um ano e meio, dois? Já não sei. Durou muito para um peixe de aquário redondo, o suficiente para eu achar que podia durar mais (para sempre?) e me tomar de amores e preocupações por ele. Uma manhã, porém, surgiu menos vivaço na arremetida para os flocos da ração, com uma descoloração nas escamas. Mais uns dias e tinha um inchaço a crescer e nadava de lado, lentamente, respirando a custo. Inconformada, li-guei para várias lojas de peixes a narrar os padecimentos. «Por que

não compra outro?», perguntavam-me. «Deite esse fora, não vale a pena gastar dinheiro a tentar salvá-lo.»

Os peixes encarnados são baratos, muito baratos, e muitos. E todos iguais: quem viu um viu todos. Não falam, não abanam o rabo, não dão marradinhas nem ronronam, não fazem nada a não ser nadar, comer e morrer estupidamente, mais tarde ou mais cedo. Nem sequer gostam de festinhas, como as raias que num aquário da Noruega vi procurarem as mãos dos turistas para longos afagos (e lá se foi o meu gosto por raia frita). Nada: é bem possível que os peixinhos encarnados nem dêem conta da nossa existência, quanto mais gostar de nós — que é o que nós queremos e exigimos de toda a gente, pessoa ou animal ou planta, em quem investimos afecto.

Normal pois que quando saí de casa com o Sushi para andar de loja em loja a tentar encontrar-lhe uma cura tenha sido olhada como louca varrida. «Deixe-o cá e leve outro», propunham-me, talvez a ponderar uma chamada discreta para o Júlio de Matos para averiguar de uma fuga. «Ele vai morrer de qualquer maneira, e coitadinho até está a sofrer.» Eu insistia: não há nada que eu lhe possa dar? Um remédio?

Não, não havia remédio. A bem dizer, ninguém sabia o que o Sushi tinha. Ninguém se interessa em conhecer as doenças dos peixinhos encarnados e em encontrar-lhes cura: para quê?

Levei o Sushi para casa e esperei. Durou mais uma semana. Não tive coragem de fazer o que me aconselhavam «para lhe acabar com o sofrimento» (e com o meu, suponho): despejá-lo na sanita e puxar o autoclismo. Tinha uma esperança idiota de que ele sobrevivesse. Vi-o agonizar em absoluta impotência.

E vi-o morrer, finalmente. Mais um peixinho encarnado para o cemitério infinito, sem história, dos peixinhos encarnados. E para o cemitério infinito das histórias de afectos improváveis e sem retorno que incansavelmente perseguimos — à volta, à volta, à volta.

Por amor de deus

GOSTO DA PALAVRA deus. É mesmo das palavras de que mais gosto. Gosto da estética, do som e do sentido. Gosto tanto que a uso muito. Dou comigo a repetir «ó, deus», em voz alta, quando alguma coisa me irrita ou desconsola e quero remeter as causas da irritação e do desconsolo para a inevitabilidade das coisas inevitáveis. Digo «que mal fiz eu a deus» quando me sinto injustiçada, «vai com deus» quando quero mandar alguém passear, «por amor de deus» quando algo me surge como incompreensível, gratuito ou disparatado, quando exijo a atenção de alguém, quando faço um apelo desesperado.

São expressões curiosas, interpelações poderosas. Mágicas, rituais, blasfemas: é a isto, a esta utilização banal, coloquial, creio, que se chamava «invocar o nome de deus em vão». Não sei em que pensa ou o que sente alguém que crê na divindade quando as repete. Se ao dizer «deus» vê a figura de barba branca e vestes épicas da Capela Sistina, o luminoso dedo da criação, o poder dos céus, infinito e imponderável, tão ubíquo quão terrível e indiferente. Mas eu, atea do trinta costados, que vejo? Por que invoco uma entidade em que não creio?

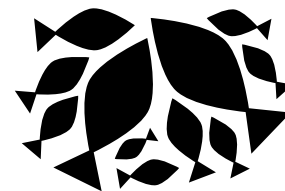
Há para esta pergunta muitas respostas. A mais usual, repetida pelos crentes, é de que, por definição definido em relação à ideia de deus, o ateu vive obcecado por ela. Há até quem assevere que o ateu é uma espécie de fervoroso crente «ao contrário», e que a sua crença «negativa» corresponde na verdade a um desafio permanen-

te, a um «diálogo» com a divindade. Acho graça a esta explicação: parece que certos crentes não concebem outra possibilidade senão a de acreditar e, como encaram o ateu como oposto de si próprios, se eles amam deus e o vêem em todo o lado e lhe agradecem todas as coisas, então o ateu só pode odiá-lo, querer bani-lo.

Ora eu, ateia, confesso que não quero banir deus para lado nenhum. A ideia de deus comove-me. Comove-me esta possibilidade de um interlocutor silencioso que apaziguasse o silêncio, de um ser que olhasse para mim e por mim, que me amasse mesmo nos meus piores e mais inconfessáveis momentos, me confortasse no desespero e me abraçasse na morte. Comove-me essa tão pungente criação contra a solidão e o vazio, essa tão admirável obra de arte que, embora muito abusada e manipulada para horripilantes fins, se mantém intocada ao longo dos milénios na sua inútil perfeição.

Não gosto das religiões, é certo. Não gosto da organização, das instituições, dos ditados. Não gosto dos que traduzem a ideia de deus em intolerância e totalitarismo, dos que dividem o mundo em inimigos mortais, dos que prometem esquarterar e queimar todos os que não alinham nas suas hordas (e todos os livros ditos sagrados o fazem). Mas não confundo a noção de deus com os seus autoproclamados profetas, com os seus instrumentalizadores, com os impérios da fé. Nem com um nome próprio deste ou daquele mito. Não: deus é uma palavra autónoma, desenhada para nomear os mistérios, para configurar tudo o que nos escapa, tudo o que não controlamos, tudo o que é maior que nós, tudo o que é inelutável, tudo o que nos falta. Aquilo a que se chama «uma força de expressão». Quando digo «por amor de deus», não estou decerto a dizer que amo uma divindade ou que presumo que o meu interlocutor a ama. Estou apenas a usar uma frase poderosa, uma

súplica, um desabafo aculturado. A reconhecer que não bastaria dizer «por amor de mim», ou «por amor de ti». Outros usam outros palavrões — eu uso deus. É mais bonito. E se alguém se ofender com isso, paciência. Que deus lhe perdoe.



FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER
TEXT E IMPRESSO NA MADEIRA & MADEIRA,
ARTES GRÁFICAS, SOBRE PAPEL CORAL BOOK
DE 80 GRAMAS, NUMA TIRAGEM DE 1000 EXEM-
PLARES, EM NOVEMBRO DE 2010.

